



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/17992>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.17992>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 141-149

Submissão: 10/10/2024 | Aprovação: 12/12/2024



Scopus

PAULA FLEISNER: MULHERES, ESCRITA E RESISTÊNCIA

PAULA FLEISNER: WOMEN, WRITING AND RESISTANCE

Susana GUERRA¹  

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (Brasil)

Resumo: Há batalhas que se travam de maneiras explícitas. Outras, como a música de protesto, o testemunho, as mobilizações, a imprensa alternativa, para dar apenas alguns exemplos, são formas de luta que não devem ser passadas por alto, quando se trata da resistência a estados de exceção. As mulheres travam uma dessas lutas, contra um inimigo que está em todos os lados, que ataca a todo o momento. O caráter evanescente desse inimigo não implica que as ações de resistência das mulheres não sejam concretas. O presente trabalho pretende, a partir de uma leitura da obra de Joanna Russ, explorar alguns dos modos em que as mulheres, através da escrita, tentam combater as estratégias da sociedade para ignorar, condenar ou menosprezar as mulheres, concentrando-nos fundamentalmente no caso da escritora e pensadora argentina Paula Fleisner.

Palavras-chave: Paula Flesisner. Mulher. Escrita. Resistência

Abstract: *There are battles that are fought in explicit ways. Others, such as protest music, testimony, mobilizations, alternative press, to give just a few examples, are forms of struggle that should not be overlooked when it comes to resistance to states of exception. Women are fighting one of these fights, against an enemy that is on all sides, that attacks at all times. The evanescent character of this enemy does not imply that women's resistance actions are not concrete. This work intends, based on a reading of Joanna Russ's work, to explore some of the ways in which women, through writing, try to combat society's strategies to ignore, condemn or belittle women, focusing mainly on the case of the Argentine writer and thinker Paula Fleisner.*

Keywords: *Paula Flesisner. Woman. Writing. Resistance.*

¹ Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal). Professora do Departamento de História e do PPGAV - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Membro do MATIZES - Grupo de Pesquisa em Artes Visuais (UFRN CNPq), na linha Teoria, História e Crítica de Arte. Membro do NARRARES - Estudos sobre Narrativa de Resistência (UFPA CNPq). Integrante das BRAVAS - Brigada de Escritoras e Críticas Feministas (Grupo de estudos). E-mail: guerralocal@gmail.com.

Will I give up and say, 'Living and feeding a man's insatiable guts and begetting children occupies my whole life. Don't have time to write'?

Sylvia Plath

Alejandra Pizarnik sentia muitas vezes que não era capaz de escrever: “Que danação este ofício de escrever! Nos abandonamos ao acaso objetivo, e nada. Não nos abandonamos, e também nada” (Pizarnik *apud* Mallol, 1998). Sylvia Plath, por sua vez, se achava muitas vezes assoberbada pelas tarefas domésticas e incapaz de encarar a literatura com a energia necessária —e então se abandonava à fantasia de uma realidade sem tantos atritos: “Desanimada, incompetente, despreparada para Joyce amanhã (...). Ando tão cansada, após a noite passada e o monte de louça, após a panela de pressão e os detalhes dos preparativos de última hora —sempre a ideia de que poderia fazer tudo melhor” (Plath, 2021).

O que acontece com elas, como acontece com tantas de nós, para que se curvem a esses demônios —a esses demônios que, por outra parte, se manifestam nas suas vidas sob a forma de reitores, críticos, colegas, maridos e filhos?

A insegurança destas escritoras não é produto de suas idiossincrasias individuais. É o resultado de estruturas patriarcais que durante séculos separaram as mulheres da sua potência. Cada uma de nós —professoras, intelectuais, escritoras— sofreu essa insegurança em carne própria, pelo que é importante que desmascaremos o problema geral que subjaz às nossas experiências particulares.

Em 1960, Joanna Russ denunciava as estruturas patriarcais que impediam o acesso das mulheres à escrita. Em *Como acabar com a escrita das mulheres*² afirmava que a literatura estava dominada por uma visão reduzida do mundo, segundo a qual qualquer contribuição significativa só podia ser feita por homens. Os críticos literários, os escritores e as editoras, as escolas e as universidades, os livros de história sustentaram esta visão. Os homens brancos sempre foram, e continuam a ser, os especialistas -“a voz objetiva e universal da razão”- enquanto que das mulheres se espera que cumpram com as funções às que se supõem destinadas³.

Mas as mulheres nunca deixaram de escrever, ousando arrombar as portas dos lugares que lhes estavam vedados, apesar da falta de recursos financeiros e da falta de tempo —o que Russ chama

² RUSS, Joanna. *How to Suppress women's writing*. University of Texas Press, 1983.

³ Virginia Woolf lê o impedimento das mulheres na escrita nas figuras das mulheres malditas, condenadas ou remetidas às sombras, que por vezes fulguram na história: “Não obstante, alguma espécie de talento deve ter existido entre as mulheres, como deve ter existido entre as classes operárias. Vez por outras, uma Emily Bronte, ou um Robert Burns, explode numa chama e prova sua presença. Mas certamente esse talento nunca chegou ao papel. Quando, porém, lemos sobre uma feiticeira atirada às águas, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma bruxa que vendia ervas, ou até sobre um homem muito notável que tinha mãe, então penso estarmos na trilha de uma romancista perdida, uma poetisa reprimida, de alguma Jane Austen muda e inglória, alguma Emily Bronte que fazia saltar os miolos no pantanal ou careteava pelas estradas, enlouquecida pela tortura que o talento impunha” (Woolf, 1990, pp.61-62).

de *proibições informais*. Aquelas que conseguiram esquivar estes primeiros obstáculos, conciliando as “tarefas femininas”, comprando “algumas poucas folhas” (Woolf, 1990, p.88) e escrevendo, quando não foram ignoradas, foram “sujeitas a formas de distorcer ou de subestimar os seus feitos literários” (Russ, 2023, 13.58)⁴.

Jessa Crispin resume bem as consequências destes constrangimentos, perante os quais, contudo, tantas mulheres recusaram curvar-se: “Privadas de uma tradição, acusadas de todo o tipo de coisas, de serem indecentes, ridículas, exceções, indignas de ser amadas, de miséria, de loucura e (posteriormente) de suicídio, criticadas por serem femininas, criticadas por não serem femininas, trabalhando com as experiências equivocadas se os seus temas são qualificados de femininos, elitistas, ou uma imitação se não o são, condenadas em qualquer caso a ser de segunda categoria ou (no melhor dos casos) a serem anomalias, mesmo assim, as mulheres continuam escrevendo” (Russ, 2023, 16.41). Como afirma Russ, “numa cultura em que o que está escrito é o que conta, apesar dos obstáculos, as mulheres ousaram adquirir o desagradável hábito de por as coisas por escrito, chegaram a publicar-se, chegaram às livrarias e às bibliotecas, e aos planos de estudo das universidades!” (Russ, 2023, 8.1).

As teses de Russ ainda continuam válidas? O que precisa acontecer para que reconsideremos definitivamente o modo em que a literatura tem sido dominada por uma visão reduzida do mundo?

Durante uma estadia em Buenos Aires, em 2023, realizei entrevistas com quatro escritoras argentinas de diversos âmbitos - poesia, crítica de arte, filosofia e narrativa⁵. Com as devidas diferenças, todas elas experimentaram em algum momento obstáculos semelhantes e sofreram críticas do teor das identificadas por Russ. Porém, pertencentes a uma geração consciente das estruturas patriarcais, estas mulheres trabalharam através da escrita tentando superar a situação que lhes era própria, resistindo ao absurdo de ver negada, sob formas ideológicas e materiais, a liberdade dos seus corpos rebeldes.

⁴ O barramento da escrita é mais um dos palcos da guerra contra as mulheres. Essa guerra, da que Rita Segato (2021) soube destacar as principais figuras históricas, também conhece formas culturais e políticas que, paralelamente, apontam ao apagamento das mulheres, tal como sugere a obra de Venegas (2019), que além de apontar a dimensão da violência que resulta no assassinato das mulheres, chama a atenção sobre formas de violência estruturais. Ainda de maneira mais subtil, essa guerra se desdobra a nível intelectual sob a forma de obstáculos colocados ao exercício do pensamento e à divulgação das ideias das mulheres, ao seu desempenho nas universidades, etc., e nesse sentido vale a pena confrontar o livro de Vinciane Despret e Isabelle Stengers, *Las que hacen historias: ¿Qué le hacen las mujeres al pensamiento?* (2023).

⁵ Participaram das entrevistas Angela Urondo Raboy, poetiza, desenhadora e performista (autora de *¿Quién te creés que sos?* (Capital Intelectual, 2014) e *El libro de los juicios: experiencias debates y testimonios sobre el terrorismo de Estado en Mendoza*, escrito com Dante Marcelo e ilustrado por Raboy (2014, Universidad Nacional de Cuyo); Cecília Medina (curadora e crítica de arte), que tem desenvolvido uma atividade curatorial intensa tanto na Argentina como no exterior, e colaborado com diversos catálogos e revistas de arte; e Pamela Terlizzi Prina, escritora e poetiza, autora de *Doce dientes* (Textos Intrusos, 2013) e *Qué violencia perfecta la del viejo mundo* (Santos Locos, 2022).

Uma dessas mulheres é Paula Fleisner. Fleisner é escritora e filósofa. Nasceu em Buenos Aires, mas viveu os seus primeiros anos em Rio Negro, na Patagônia, como parte do exílio interno empreendido pela sua família, causado pela ditadura militar. Retornada à capital para ingressar na Universidad de Buenos Aires, estudou filosofia e se iniciou como monitora da disciplina de estética. Mais tarde obteria uma bolsa que lhe permitiria concluir o doutorado. Mas apesar de, à primeira vista, o seu percurso parecer exemplar, Paula se enfrentou aos obstáculos que todas as mulheres conhecemos⁶.

A relação de Paula com a “escrita como atividade vital” começou, primeiro, a partir do seu diário (que ainda mantém), e depois escrevendo contos -“jogando com o estilo daquilo que li, tentando experimentar” (Fleisner *apud* Guerra, 2023). Aí mesmo se iniciaram as dúvidas com relação ao seu lugar em tudo isso que a fascinava.

Paula não sabe se alguma vez se deu conta que podia fazer mais do que aquilo que se esperava dela, mas sabe que habitar o lugar que escolheu lhe custou uma demorada aprendizagem pessoal:

“Como manter o equilíbrio entre os papéis atribuídos às mulheres e o trabalho de escritora? É muito difícil. Hoje passei todo o dia limpando a casa e pensando precisamente nisso. Estou sozinha a cargo de um dispositivo familiar que havíamos pensado a dois; aparentemente a separação implica que te ocupes tu sozinha do filho —no meu caso, com o pai do meu filho, é literal. O dinheiro é o lugar comum das mulheres separadas” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

A terceira jornada laboral, assente nos cuidados (de maternidade, da família nuclear ou estendida, das ações comunitárias), tal como o trabalho doméstico, são tarefas não remuneradas impostas e exigidas às mulheres, que as privam do que lhes resta do dia após as oito horas de emprego remunerado. O modelo é esgotador e incapacitante.

Por outra parte, como filósofa e professora, Paula relembra uma série de momentos em que, como mulher, foi obrigada a enfrentar o que era o machismo⁷: 1) em primeiro lugar, a imposição de tarefas de secretariado: “eu era ‘a que levava a água’, uma metáfora para muitos tipos de trabalho académico relegados às mulheres nos espaços de investigação” (Fleisner *apud* Guerra, 2023); 2) em segundo lugar, a experiência da maternidade: “o momento em que entendi no meu corpo o que era o

⁶ Parte do seu trabalho académico decorre junto da *Colectiva Matéria*. Também faz parte do movimento *Ni Una Menos*.

⁷ Uma tomada de consciência que, inclusive, vai ganhando forma enquanto falamos. De fato, ao longo da entrevista, Paula se viu obrigada a enfrentar memórias naturalizadas, momentos sobre os quais não pensava, mas que vai percebendo, dando conta à medida em que desenvolve as suas ideias: “Dizia há pouco que não sabia o que era o patriarcado até que fui mãe - mas é mentira. O meu pai tinha um escritório para ele, que era tão grande quanto o quarto onde dormiam as três filhas, e a minha mãe, que se dedicava à vida académica, corrigia os seus exames na mesa da cozinha. O meu pai era o que tinha a biblioteca no seu escritório e ele sim, era o que se fechava para escrever poesia ou o que quer que fosse, e a minha mãe estava lá fora conosco, passeando, corrigindo exames, tudo muito imperceptivelmente. O meu pai nunca gritava e era uma pessoa encantadora, que praticamente não falava, e não era necessariamente o estereótipo do machista - e contudo, isso estava claríssimo” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

patriarcado, um contato tão evidente com a disponibilidade do meu corpo (...). Tive que chegar a termos com o meu orientador que me disse ‘Você engravidou, agora não vai poder se doutorar’” (Fleisner *apud* Guerra, 2023); 3) em terceiro lugar, o olhar crítico dos outros sobre o modo em que se tentam conciliar as obrigações familiares e os compromissos acadêmicos: “quando ser mãe é ser má mãe e, portanto, é estar sempre submetida ao juízo dos outros” (Fleisner *apud* Guerra, 2023); 4) em quarto lugar, a redução da nossa pessoa a objeto de desejo:

“[Lembro da minha primeira aula.] Termino de dar quatro horas sobre Platão, para o qual estudei como nunca na minha vida, e um aluno se aproximou para me dizer que eu era linda. Foi tão humilhante! (...) Nem sequer o lugar de poder que me outorgava ser professora me dava hipótese” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

De maneira mais geral, as estruturas patriarcais se projetam de modo enviesado, mas nem sempre discretamente, sobre os critérios de avaliação do trabalho realizado, naturalizando a ideia de que as mulheres não podem ou não devem escrever, ou que a sua escrita não é suficiente para produzir pensamento (Despret-Stengers, 2023). Na filosofia, essa tendência alcança muitas vezes o paroxismo:

“Os homens gostam de explicar coisas, mas os filósofos simplesmente adoram! E se trabalham contigo te explicam tudo, como se a filosofia fosse um lugar especificamente desenhado para que os nossos corpos estejam sempre fora de lugar, para estarmos o tempo todo aclarando porque merecemos estar aí” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

A única saída possível já se desenhava no horizonte. A possibilidade de um pensamento e de uma escrita além do patriarcado radicava na construção de uma epistemologia feminista, e inclusive de uma metodologia de trabalho feminista. Epistemologicamente, Paula critica que

“de Platão à Aristóteles, [a filosofia] está sustentada por uma espécie de rivalidade teórica, [sempre há um rival] em contra do qual montas a tua própria filosofia. Todos, um atrás do outro vão corrigindo-se e medindo-se em termos de amigo-inimigo, como se a filosofia fosse avançando com base em teorias pensadas em termos de um autor que objeta e refuta a outro (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

Metodologicamente, pelo contrário, propõe que as histórias escritas por mulheres, como “a bolsa onde vamos guardando botõezinhos”,

“se misturam, mas não se unificam, não se identificam umas com as outras, [e portanto] não se produz uma homogeneização dos problemas ou das coisas - há uma diferença. Essa diferença, por não-hierárquica, difere por completo da atual concepção da filosofia como a entendemos hoje”⁸ (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

⁸ Como reforça Paula, “um tipo de discurso muito mais interessante para pensar a atualidade, (...) filosofar construindo problemas juntas, (...) sem necessidade de reproduzir esse gesto do ‘eu fui o primeiro em produzir isto e tu te enganaste’, num momento [que é] outra vez de catástrofe. (...) É muito mais interessante o que pode sair como diagnóstico das aproximações das mulheres do que a necessidade desse gesto, de ser o primeiro que nomeia, como se isso te permitisse agarrar o mundo” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

É difícil não se deixar seduzir por essa “forma mais lúdica, mais organizada e mais tecida” de pensar e de escrever: “como se houvesse ali uma maneira muito interessante de amalgamar e jogar com as hibridações, as contaminações e as heranças ilegítimas” (Fleisner *apud* Guerra, 2023). Paula espera dessa escrita filosófica algo mais do que uma nova forma de refletir. Espera que nos ajude a “sustentar outros modos de existência”. É que, “corpos acostumados a saber-se corpos”, as mulheres forçam a filosofia a descer do mundo do espírito para dar um corpo ao pensamento, que passa a ser um pensamento situado, que não ignora as condições da sua enunciação: “[O que] nos obrigaram a fazer é a ferramenta que agora nos permite construir, ou sustentar, ou recordar modos de existência novos distintos ou extintos” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

Como encontrar essa potência para a filosofia e para a escrita? Para responder a essa questão, Paula propõe reformular a tese de Woolf sobre o quarto próprio. Nisso se aproxima das ideias de Vincennes Despret. A sua ideia é que, mais que de um quarto próprio, “precisamos de um quarto de todas, porque disto se sai juntas. O lar, o teto, nem sempre é reparo, a casa nem sempre é lugar de refúgio. O refúgio é com as amigas, e a minha melhor experiência de filosofar ou fazer arte é sempre com outras” (Fleisner *apud* Guerra, 2023). A reformulação do quarto próprio em termos de espaço coletivo comporta, ao mesmo tempo, uma reformulação do pensamento como tarefa coletiva, que “inclui uma solidariedade que eu nunca tinha experimentado na academia, por aqueles que te respeitam e estão dispostos a partilhar contigo, que se mostram dispostos a discutir as condições para poder conversar⁹” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

Conscientes do lugar do qual saímos ou estamos saindo, a redefinição do lugar ao qual vamos dirigir-nos é de uma importância fundamental. E, segundo Paula, não é o quarto próprio, não pode ser: “A interioridade não é o lugar que queremos conquistar, e sim os laços com as outras, a rua, A marcha própria! A imposição de uma agenda pública numa transversalidade que é muito complexa, mas, ao mesmo tempo, é amigável e exemplar” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

De fato, o modo em que Paula descreve a sua experiência como escritora vai ao encontro da forma singular que assumem as conversas entre mulheres, marcadas pela opressão que sofreram durante séculos, mas também tradicionalmente ancoradas na atenção ao cuidado de aqueles e aquelas que as rodeiam. À atenção, ao cuidado, se soma a experiência de luta conquistada em confrontos passados (e presentes). E Paula se revê nessas coisas todas, que associa à noção de sororidade: “A

⁹ Ideia que tem sempre presente: “Que se nos escute a necessidade de estabelecer termos em que não haja nenhum ponto de enunciação que não esteja marcado como neutral -[contrário ao] que se gera geralmente nos homens, que emitem verdades universais às quais nos vemos sempre obrigadas a responder de um lugar que [também] esteja marcado. ‘Eu como mulher...’, esse gesto” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

possibilidade de escutar o que diz a outra, sem homogeneizar a luta mas fazendo coincidir as agendas é genial, é o que mais gosto da ideia de sororidade. (...) A capacidade de suspender o juízo próprio para escutar a companheira, (...) de sermos capazes de acompanhar-nos na diversidade que somos, (...) e estarmos atentas às necessidades da outra” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

Em 1983 Russ recordava que as mulheres já não estavam interessadas em provar a falsidade dos enunciados que lhes negavam a capacidade de criar, nem em responder ao que estabelecia que *as mulheres não podiam escrever*. O que nos importa, no fundo, é antes a relação que têm umas com as outras (Russ, 2023, 17.60). A sororidade, como utopia, é uma força, ou uma forma de articular as forças para ultrapassar as dificuldades que comporta levar adiante a construção de um outro mundo possível —um mundo por inventar, um mundo anti-patriarcal. “Conseguimos uma arte”, diz Paula, “estamos treinadas na arte da conversa, em prestar atenção ao que a outra diz, para poder intervir nesse lugar. Como esse tipo de conversa que se dá entre irmãs, que te permite partilhar a tua vida com as outras e que as tuas penas sejam, se não resolvidas, ao menos choradas por outras” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

O patriarcado procura desvirtuar tudo isto. A sororidade lhe incomoda, as redes de mulheres lhe incomodam. O patriarcado não gosta de irmãs, de companheiras, prefere filhos, súbditos, funcionários. Em todo o caso, independentemente do nome que (se) lhe dê (à sororidade), não deixará de encontrar as mulheres unidas e conscientes do lugar marginal que lhes é reservado na história —e também inconformes com isso, críticas disso, lutando contra isso. Juntas.

E juntas as mulheres começam, mais e mais, a ocupar-se das suas próprias coisas, ocupando os espaços esquecidos ou ignorados pela cultura patriarcal¹⁰. Nesse contexto de luta por espaços (de ação, de enunciação, de encontro), Paula celebra as mulheres que se iniciam hoje na escrita, na filosofia. Certamente, há muitas questões materiais que as mulheres necessitam resolver com urgência, do direito sobre o próprio corpo à segurança de poder caminhar sem serem violentadas, mas a luta que travamos também se define ao nível da expressão e do pensamento, da reescrita de si e da representação. Não são questões menores:

“há também que encontrar as nossas formas de dizer-nos, ter uma biblioteca nossa. Há muitas coisas mudando vertiginosamente e há que conseguir manter esse umbral aberto. É importante que muitas se animem a escrever e a fazer arte. Há muitas que o fazem, mas quantas mais melhor, sempre” (Fleisner *apud* Guerra, 2023).

¹⁰ Como afirma Russ: “É um Quê? proveniente de um grupo de mulheres de costas que se ocupam das suas próprias coisas.” (Russ, 2023, 16.67).

Os tópicos que os diversos feminismos estão colocando em debate na atualidade, em diversos cenários e com diversas agendas, são conversas que nos devemos, faz muito tempo. Como no recente filme de Sarah Polley¹¹, são um exercício de imaginação sem o qual a queda do patriarcado e a instauração de um mundo menos desigual não terá lugar nunca. Os homens (como no filme) podem nos acompanhar, mas talvez devam ouvir antes de voltar a tomar a palavra. No fim de contas, a história foi, até recentemente, o longo monólogo dos homens¹².

Certamente as mulheres não deixam de escrever, apesar de tudo. Como Paula Fleisner, encontraram a maneira de esquivar obstáculos para escrever e, escrevendo, procuram que as coisas não continuem da mesma forma. Cada uma à sua maneira luta para que as mulheres no futuro não tenham que passar por tudo isso mais uma vez, para que não encontrem as mesmas dificuldades que nós para fazer algo tão simples e tão importante como pensar e escrever, como entender-nos e encontrar modos menos absurdos de viver juntas.

¹¹ *Entre mulheres (Women talking)*, de 2022.

¹² Retenhamos a violência epistemológica, que Paula nos oferece na sua forma mais rudimentar: “Só de pensar como numa conversa as vozes masculinas tendem a ocupar tudo e é quase como uma coisa ‘natural’, porque falam mais alto e é mais fácil escutá-los, passam-se a palavra entre eles, citam-se entre eles” (FLEISNER *apud* GUERRA, 2023).

REFERÊNCIAS

DESPRET, Vinciane e STENGERS, Isabelle. Las que hacen historias: ¿Qué le hacen las mujeres al pensamiento? Buenos Aires: Hekht, 2023.

GUERRA, Susana. Entrevista a Paula Fleisner. Buenos Aires: 2023.

MALLOL, A. D. (1998). Una mirada desde la alcantarilla puede ser una visión del mundo: Los textos del grotesco lingüístico de Alejandra Pizarnik. Alp: Cuadernos Angers - La Plata, 2 (2), 23-38. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2618/pr.2618.pdf Acesso a: 20/06/2023.

PLATH, Sylvia |(2021). Os diários de Sylvia Plath (1950-1962). Edição de Karen V. Kukil. Lisboa: Relógio D'Água.

SEGATO, Rita. (2021). La guerra contra las mujeres. Buenos Aires: Prometeo Libros.

RUSS, Joanna. (2023). Cómo acabar con la escritura de las mujeres. Buenos Aires: Dos Bigotes Editorial. (Livro eletrônico).

VENEGAS, Lola; REVERTE, Isabel; VENEGAS, Margó. (2019). La guerra más larga de la historia: 4000 años de violencia contra las mujeres. Buenos Aires: Espasa-Calpe.

WOOLF, Virginia. (1990). Um teto todo seu. São Paulo: Círculo do Livro.